

EDITORIAL

Esse dossiê é deflagrado por uma constelação de perguntas-desejo: como compor relações entre arte, pesquisa e educação em que arte não configure apenas como o objeto de estudo ou adorno da pesquisa, mas seja uma orientação epistemológica que convoca a procedimentos metodológicos e narrativos outros que os oriundos do pensamento causal linear? Como, no lugar de pensar somente em termos de pesquisa em artes, podemos também considerar pesquisas feitas com arte? Quais as potências de um ensino com arte, que não fosse restrito à Arte Educação, e atravessasse os diversos campos de saber com sua potência, a um só tempo, agregadora e disruptiva? Tais questões, porém, não serão respondidas em definitivo pelos artigos, mas serão atravessadas por elaborações que ampliam as possibilidades de encontro entre arte, pesquisa e educação, desvelando qualidades epistemológicas singulares de um pensamento criador - o pensamento poético. Sobre essa dimensão do pensar, compartilhamos três imagens:

Maurice Merleau-Ponty oferece uma metáfora para a potência reveladora da obra de arte. Ele diz: “quando vejo através da espessura da água o revestimento dos azulejos no fundo da piscina, não o vejo apesar da água, dos reflexos, vejo-o justamente através deles, por eles” (2004, p.37). Nesse sentido, a obra de arte não seria um suporte para uma ideia que a precede ou a ultrapassa, mas a expressão de um mundo que só se engendra e se mostra na tecitura de sua elaboração. Isso porque “a arte não é construção, artifício, relação industriosa a um espaço e a um mundo de fora.” (Merleau-Ponty, 2004, p.37). A dimensão artística não está inteiramente subordinada a um universo exterior a si portanto, mas constitui um cosmos singular onde são produzidos sentidos, expressividades e - como propõe esse dossiê - epistemologias, metodologias e narrativas poéticas. A não-subordinação da arte aos parâmetros do mundo não deve indicar, porém, que não esteja em relação a ele ou que não lhe diga respeito. Pelo contrário, entendemos que a autonomia da arte, em sua produção de modos de fazer e compreender mundos, é uma via para alargarmos compreensões, linguagens e elaborações daquilo que chamamos realidade.

“Temos a arte para não soçobrar [tocar o fundo] pela verdade”, propõe Nietzsche, em uma ideia que é relida por Maurice Blanchot, que explica: “(...) temos a arte a fim de que o que nos faz tocar o fundo não pertença ao domínio da verdade. O fundo, o soçobrimento, pertencem à arte: esse fundo que ora é ausência de fundamento, o puro vazio sem



importância, ora é aquilo a partir do qual pode ser dado um fundamento – mas que também é sempre, ao mesmo tempo, um e outro, o entrelaçamento do Sim e do Não, o fluxo e o refluxo da ambiguidade essencial (...)” (2011, p.261). Aqui habitamos a complexidade: a reivindicação da arte como um fundamento que sustenta o movimento dos fluxos, a possibilidade do vazio e a ambiguidade essencial que fertilizam o terreno da criação.

Além do influxo aquoso que revela a partir da sua densidade refletora e do itinerário rumo a um fundo feito de fluxos, ambiguidade e esvaziamentos, queremos trazer aqui mais uma imagem para o poético, que nos oferece Maria Zambrano. A filósofa diz que a ética do poeta é esforçar-se para manter-se acordado à beira do sonho, conseguir clareza no limite do que é nebuloso (Zambrano, 2000, p.110). Pois só aí, nesse espaço limítrofe, onde toda iluminação será maculada de obscuridade e toda lucidez terá uma anatomia de sonho, que o pensamento poético se põe em trabalho. Zambrano o nomeia de um ‘pensamento total’, aquele que reúne a lógica e a criação, a ponderação e o desatino, a determinação e a variabilidade. Um pensamento, portanto, que opera pelo estabelecimento de conexões e onde prosperam as multiplicidades.

É cuidadoso localizar que, neste dossiê, tanto a pesquisa, quanto a educação, são entendidas como fenômenos da vida. São processos intrinsecamente conectados com os movimentos vitais, com os ciclos que atravessam e formam a vida. Seguindo pelas imagens das raízes e pelo sentido de radicalizar cedido por Didi-Huberman, consideramos a pesquisa e a educação espaços de encontros lacunares (Didi-Huberman, 2022), permeados pela selva do tempo e capazes de marcar e criar as profundezas e as superfícies de realidades, nos provocando perfurações, tropeços, refazimentos e caminhos de nutrição. Dessa forma, a educação é compreendida como um fenômeno de encontro entre seres – humanos, não humanos e mais que humanos – e que, a partir desses encontros, cria e compartilha saberes que não se limitam em oferecer explicações fechadas, mas modos de pensar que ampliam o tecido da existência.

Severino Antônio tece o movimento da aprendizagem como experiência poética, indicando-a não somente como “(...) um exercício de pensamento conceitual, lógico abstrato, mas um pensar-concreto, sensível e imaginativo. Um pensar por imagens, um pensar por ritmos, um pensar-sentindo e um sentir-pensando. Um outro modo de conceber e dizer. Um outro modo de viver” (Antônio, 2013, p.112-113). Denunciando o desencantamento da razão

e da educação na complexa crise a qual estamos inseridas(os), o autor defende a importância “(...) de reconhecer, despertar, desenvolver as potencialidades poéticas – sensíveis, imaginativas, simbólicas – das práticas educativas” (Antônio, 2013, p.110) como modo de restabelecer a interação criadora com os processos de construção de conhecimento. A reaproximação com o poético, segundo Antônio, constitui movimento fundamental para uma educação vital, de corpo inteiro, capaz de se relacionar, de forma crítica, com o visível e o invisível das diferentes dimensões da realidade e da vida. Uma educação que seja espaço e tempo de “pensar o possível, o ainda não realizado” (Antônio, 2013, p.117) ou, nas palavras de Paulo Freire, o inédito viável. A importância do entrelaçamento entre o pensamento poético, a educação e os processos de investigação, portanto, é observada na construção de um conhecimento conectado com a vida, comprometido com a criação de sentidos, com o entusiasmo de pensar, com a paixão de tecer aprendizagens e que se propõe a criar coletivos, realidades e mundos, e não apenas reproduzi-los.

Assim, este dossiê se propõe a reunir produções que costuram relações entre arte, pesquisa e educação, partindo do princípio da arte como um modo singular de construção de conhecimento e de proposições metodológicas e narrativas e da educação e pesquisa como fenômenos vitais, que se dão com e pela vida. São trabalhos que apostam nessas relações como via de criação, perfuração, alargamento, silêncio e sonoridade do que se passou, do que se passa e do por vir. Organizamos e selecionamos trabalhos que propõem, por um pensamento poético, imagens que possibilitam reimaginar a vida, transgredindo limites impostos, por meio da criação, da pesquisa e da educação. Confiamos que a troca e a coletivização de investigações que se orientam pelo poético constituem formas importantes de organização do pensamento coletivo, de abertura e de mobilização, colaborando para afirmação e vitalidade de modos outros de estar e fazer. Desejamos um bom encontro com o dossiê e suas produções e que seja forma e conteúdo para uma aproximação vital com a nossa força criadora.

Bom mergulho!

Priscilla Menezes

Raíssa Cortat (orgs)

ANTÔNIO, Severino. *Poetizar o pedagógico, alguns ensaios de modo constelar*. São Paulo: Biscalchin Editor, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Radical, radicular*. Rio de Janeiro, 2013. Disponibilizado por *n-1 edições*: <<https://n-1edicoes.myportfolio.com/136>> Acesso em: 17 ago. 2022.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ZAMBRANO, Maria. *A metáfora do coração e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.